Fotos: Reprodução/Divulgação

O olhar desconhecido de Steiner

Da esquerda para a direita, as gravuras "Paisagem romântica", "Urucum" e "Mata pau", obras de Hans Steiner

PATRÍCIA LAURETTI
patricia.lauretti@reitoria.unicamp.br

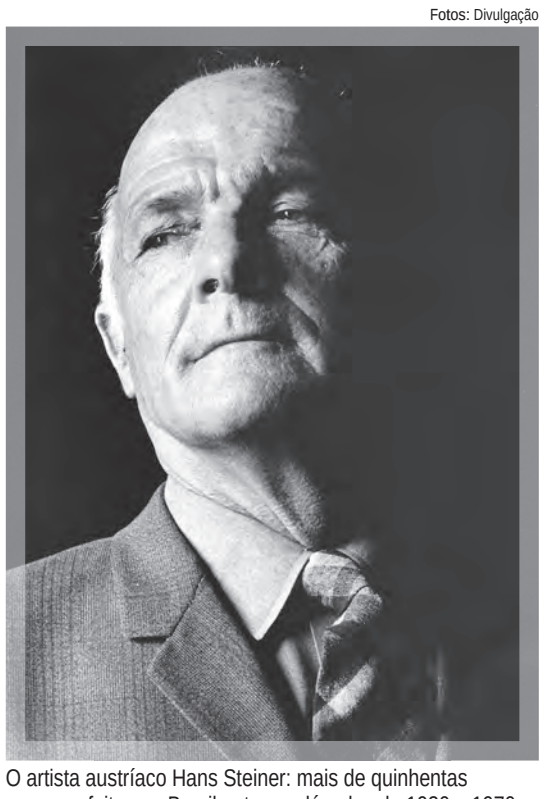
Hans Steiner) "...no Brasil efetuou todo o seu aprendizado artístico, tendo tido a Carlos Oswald como único mestre. A despeito de sua técnica verdadeiramente excepcional, tem escrúpulos de documentarista incompatíveis com a sensibilidade moderna. De uma viagem de estudos ao Araguaia trouxe, contudo, em 1959, uma série de chapas, representando paisagens, espécimes da flora e da fauna da região, muito apreciáveis não só pelo apuro técnico, quanto por um senso até então mal pressentido de fantasia".

Praticamente um verbete. Era o que havia sido publicado até então sobre o artista austríaco Hans Steiner (1910-1974), autor de mais de quinhentas gravuras, realizadas no Brasil entre as décadas de 1930 e 1970. Aluno do pioneiro Carlos Oswald, Steiner incorporou o país em suas obras. De tal forma que, no final da vida, mudou a assinatura de seus trabalhos suprimindo o Hans e acrescentando Rio, de Rio de Janeiro. Steiner Rio encontrou, muitos anos após a sua morte, alguém que lhe resgatasse do esquecimento e que olhasse para suas obras com a devida atenção. Esse encontro se deu em um site de compras, que oferecia uma de suas gravuras a um preço irrisório.

Paulo Leonel Gomes Vergolino, alguém especialmente interessado na "seara dos artistas eclipsados", achou que deveria pagar para ver, e então recebeu em casa uma das gravuras da série *Mata pau*, que retrata as formas de um tipo de figueira que se desenvolve podendo "estrangular" outra árvore que lhe serve de hospedeira. "Casualmente me deparei com a gravura à venda no Mercado Livre. Fiquei impressionado com a qualidade da gravura, com a técnica quase fotográfica que ele empregou".

A curiosidade fez com que Paulo começasse a buscar por informações sobre o artista. Isso foi muito antes do mestrado, há sete anos. Escreveu para museus do Brasil e no exterior, fez uma varredura na literatura especializada, nas pesquisas sobre a gravura e encontrou apenas duas ou três linhas. "O professor José Roberto Teixeira Leite [aposentado do Instituto de Artes da Unicamp] já havia citado o artista, mas era só. 'Meu' artista é completamente fora da mídia, ele dedicou cerca de 30 anos à realidade do país que o acolheu, ou seja: o Brasil, representando-o em todos os seus peculiares aspectos, porém, ainda o considero um artista desconhecido".

Fotos: Divulgação



O artista austríaco Hans Steiner: mais de quinhentas gravuras feitas no Brasil entre as décadas de 1930 e 1970

Esse desconhecido chegou ao país em 1930. Filho único e solteiro, em 1937 iniciou sua produção com a ajuda do professor e amigo Carlos Oswald. Sua gravura é sobre temas brasileiros: índios, baianas e gaúchos, a fauna a flora e os detentos! Sim, Hans Steiner foi a presídios procurar modelos pra representar. "Esse tipo de olhar, típico estrangeiro, é o olhar que Hans Steiner tem e que aparece nas suas gravuras".

O pesquisador descobriu uma coleção no Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli, e também obras no Museu de Belas Artes do Rio de Janeiro e Biblioteca Nacional. O levantamento resultou na reunião de cerca de 150 gravuras que o pesquisador dividiu por temas: paisagens, figura humana, flora, fauna realidade, indígena. Com isso Paulo conseguiu publicar seu primeiro texto sobre Hans Steiner disponível hoje no site especializado *Revista Museu*.

A partir daí a pesquisa deslanchou e culminou na dissertação de mestrado. Paulo fez contato com um entusiasta da obra da Hans Steiner, um italiano chamado Eros Cosatto, de Gorizia, cidade onde Steiner passou seus últimos anos e que abriga suas matrizes. O amigo acabou lhe dando um presente fundamental: um livro de registro feito pelo artista, que descreve a realização de todas as suas obras, desde a primeira até a última. "É o que chamamos na museologia de livro de tombo, e nesse caso, feito pelo próprio artista porque Steiner, como 'bom' estrangeiro, gostava de registrar tudo o que fazia", observa Paulo.

Steiner facilitou, e muito, o trabalho de seu especialista. "Parei de supor e consegui descobrir exatamente o que era tal gravura". Paulo descobriu os temas de predileção do artista, nomeados pelo próprio: Niterói antigo, Guanabara, Mata pau, penitenciária, urubu, vegetação, miniatura e indígenas".

Dados da biografia de Hans Steiner também foram reunidos pelo pesquisador. Como foi a vida dele como estudante de arte no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, como desenvolveu seus trabalhos artísticos, além da gravura. "Steiner também foi pintor, aquarelista e desenhista. O que é muito curioso porque a aquarela é uma técnica oposta à gravura no sentido em que a mão precisa ser leve. E ele faz as duas coisas com primazia". Na dissertação de mestrado Paulo contextualizou a época, falou sobre o Rio de Janeiro da década de 1930, quando o austríaco chegou no Brasil.

No final da dissertação, Paulo registrou a produção de 517 chapas que são as matrizes das gravuras. "É um artista que produziu muito e que precisava de pesquisadores para trazer isso a público. Um artista que dedicou sua criatividade e seu percurso de vida ao Rio de Janeiro. Isso precisava ser dito".

Paulo Leonel Gomes Vergolino, autor da dissertação: interesse pela "seara dos artistas eclipsados"

Publicação

Dissertação: "O olhar estrangeiro: A obra gravada de Hans Steiner como recorte-modelo para o resgate da história da gravura no Brasil"
Autor: Paulo Leonel Gomes Vergolino
Orientador: Márcio Donato Périgo
Unidade: Instituto de Artes (IA)